



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **22/07/2018**

Aprovado em: **25/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.15.17>

Embates identitários: a (res)significação do banlieusard no rap

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIA CAROLINA DE MELO ROSA

RESUMO

A partir do norte teórico nos estudos de Suárez-Orozco(2003), Rajagopalan (2003), Hall (1997, 2006), Castells (1999), pretendemos analisar, no discurso de militância na cena do rap francês, a complexa construção da identidade do banlieusard ou jeune de cité. Observa-se como a identidade periférica passa de uma identidade atribuída para uma identidade alcançada, implicando a mobilização das subjetividades envolvidas na criação de uma identidade de resistência performada no rap. Para tanto, volta-se para a importância do contexto histórico da descolonização de antigas colônias francesas e o consequente processo migratório que ele desencadeia como acontecimentos (res)significadores das periferias e da identidade periférica.

Palavras-chave: Identidade. Imigração. Rap. Cultura. Discurso.

ABSTRACT Influenced by the studies of Suárez-Orozco (2003), Rajagopalan (2003), Hall (1997, 2006), Castells (1999), we intend to analyze, in the discourse of militancy in the French rap scene, the complex construction of identity the banlieusard or jeune de cité. It is observed how the peripheral identity passes from an identity attributed to an achieved identity, implying the mobilization of the subjectivities involved in the creation of an identity of resistance performed in rap. In order to do so, we observe the importance of the historical context of the decolonization of the former French colonies and the consequent migratory process as events that enable a reconstruction of the meanings of periphery and peripheral identity. Keywords: Identity. Immigration. Rap. Culture. Discourse.

RÉSUMÉ Sous l'influence théorique des études de Suárez-Orozco (2003), Rajagopalan (2003), Hall (1997, 2006), Castells (1999), nous avons l'intention d'analyser, dans le discours du militantisme dans la scène du rap français, la complexe construction identitaire du banlieusard ou jeune de cité. Nous observons comment l'identité périphérique passe d'une identité attribuée à une identité réalisée, impliquant la mobilisation des subjectivités impliquées dans la création d'une identité de résistance performative, dont la performance se réalise dans le rap. Pour cela, nous nous penchons sur l'importance du contexte historique de la décolonisation des anciennes colonies françaises et du processus migratoire qui participe comme des événements qui résignent les banlieues et l'identité périphérique.

Mots-clés: Identité. Immigration. Rap. Culture. Discours.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo sob os efeitos paradoxos da globalização, que une e simultaneamente segrega as pessoas, que provoca o surgimento de diversos mercados e novas práticas sociais, enquanto, paralelamente, mantém a concentração de riquezas nas mãos dos mesmo grupos. Nesse mundo polarizado, surgem, de um lado, novas possibilidades de ser, de significar, e, de outro, discursos de ódio ao que (a quem) é diferente. O outro, ao mesmo tempo em que é nossa referência, causa-nos medo, o qual alimenta ainda mais o refúgio em identidades coletivas homogeneizantes, pautadas no mito de uma essência identitária.

Diante da necessidade de se combater tais discursos, buscamos participar da contra-ação dos estudos da linguagem que visam desconstruir tal perspectiva ao se debruçar sobre a questão identitária, levando em conta as condições geopolíticas que a atravessam. Rajagopalan (2003) reafirma essa necessidade, postulando a impossibilidade da Linguística, como toda ciência, de ser neutra. A teoria científica não está livre da subjetividade, já que toda construção teórica é

um produto humano. Como diz Pêcheux (1997), a objetividade que mascara a ciência é também um efeito ideológico.

Posicionando-nos de forma crítica, isto é, consciente da articulação da linguagem com a exterioridade, tornamo-nos ciente das relações de poder criadas e reproduzidas no campo do simbólico. A discussão sobre identidade perpassa várias esferas, entre elas, a da linguagem e a da cultura. Mas, embora as designemos por esferas, estas não se encontram perfeitamente consolidadas e separadas cada uma em seu domínio. Antes, elas se atravessam e se constituem mutuamente, sendo esse imbricamento essencial para se compreender a questão identitária.

Diferente da perspectiva modernista, a identidade é uma construção. Não há uma essência, uma natureza identitária, que poderia nos levar à uma visão homogênea da mesma, como nos mostram os trabalhos de Bhabha (2005), Rajagopalan (2003), Hall (1997, 2006) e Castells (1999). Ela é, sobretudo, uma prática discursiva, constituída socialmente.

Indo por esse viés discursivo, este trabalho lança um olhar sobre a reconstrução significativa da identidade do banlieusard ou jeune de cité[1], que ocorre no discurso de militância na cena do rap francês. Pertencendo à área de ensino de francês língua estrangeira (FLE), nosso interesse pelo rap é concomitante com nosso amor à música, que acreditamos ser uma linguagem sem barreiras e uma poderosa referência cultural na construção do imaginário dos alunos. O rap, em especial, mostra-se um espaço de contranarrativa dos discursos veiculados nos livros didáticos, entre outras mídias, que influenciaram no estabelecimento de uma representação uníssona das identidades francesas, aparentemente sempre atravessadas pelos valores republicanos. Nesse espaço, criticado por muitos, emergem outras vozes, das margens da história, dos guetos das cidades, que buscam se recriar.

Essa transformação ocorre no deslocamento dos significantes de um discurso para o outro, alterando-se os seus sentidos. Do banlieusard como aponta a grande mídia para o banlieusard entoado pelo rapper em sua canção, acompanhamos uma ressignificação, na passagem de uma identidade atribuída para uma identidade assumida, termos propostos por Orosco, tratados mais adiante. A partir de nossa interpretação das músicas escolhidas, vemos nessa reconfiguração uma mobilização dos atores sociais, implicando na criação de uma identidade de resistência performada no/pelo rap.

Este artigo se divide em quatro grandes partes, mais a conclusão. Apresentamos os conceitos de identidade que norteiam esse trabalho, com uma ênfase nas identidades migratórias estudadas por Suárez-Orozco. Depois, abordamos o rap como prática cultural e as relações culturais sob efeito da globalização. Em seguida, apontamos de quem são as vozes divergentes nessa contranarrativa, abordando a questão migratória na França.

2 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: ENTRE ESSENCIALISMO E NÃO-ESSENCIALISMO

Focando no estudo de identidades coletivas, entendemos como Castells que a identidade, nesse caso, é “[...] a fonte de significado e experiência de um povo” (1999, p.22). Esse fenômeno de difícil apreensão parece estar sempre relacionado à representação, à produção de significado e de cultura. No entanto, sua definição se altera dependendo do pressuposto teórico que a oriente.

Em relação a questão identitária, ressaltamos a existência de duas correntes, que se distinguem entre a perspectiva essencialista, cujo surgimento coincide com a época moderna, e a perspectiva não-essencialista, contemporânea.

Segundo Moreno,

Nas percepções essencialistas as identidades aparecem como realidades perenes, estáveis, definitivas, homogêneas e inatas. Um processo de categorização social, presente nas práticas discursivas, simplifica as diferenças e tende a dirimir as contradições, construindo representações de identidades imanentes. Embora no nível das representações a identidade tenha sempre que estar ligada a uma continuidade no tempo, nos discursos essencialistas esse tempo é congelado, mitificado, e as especificidades culturais tornam-se um fato social, pouco suscetível a mudanças. (2014, p.9)

Nesse pensamento, há uma ligação com o natural que explicaria a imutabilidade da identidade, pois trataria-se da sua essência, de algo que sempre foi e sempre será. Essa visão atravessa os estudos linguísticos e sociais da época, sustentando discursos sobre línguas puras, divisões de classe, sexualidade, raça e gênero. Dessa perspectiva, emergem também os discursos em torno da nação e da identidade nacional, que entre os séculos XIX e XX, consolidam-se no imaginário social[2].

Para Moreno (ibid), essa representação consolidada, além de sustentar uma mobilização política e vincular-se a funcionamentos ideológicos, envolve o lado emocional e afetivo do sujeito. Esse fenômeno, como coloca o autor, associa-se às relações sociais e culturais da modernidade europeia no século XIX, época cuja percepção é marcada por profundas e rápidas mudanças tecnológicas e sociais, que participam na perda de vínculo com as culturas e com os valores tradicionais.

Auxiliada pelo discurso histórico, que as legitimam, o discurso da nação e da identidade nacional surgem nesse cenário caótico como uma fonte de refúgio simbólico e imaginário. “Assim, a nação torna-se um projeto de estabilidade diante do que se desmancha no ar. Através dela as transformações podem ser explicadas e adquirir sentido” (ibid., p.13).

Em contrapartida, ao buscar acompanhar as mobilidades e as contingências caracterizadoras do mundo contemporâneo, o pensamento não-essencialista percebe a identidade como uma construção, fluida e mutável.

Nessa perspectiva, para Moita Lopes (2013), que utiliza o termo sociabilidades para falar de categorias sociais, estas são entendidas como

[...] transitórias, fragmentadas e, principalmente, performativas. Tais visões levam em consideração os atravessamentos e entrelaçamentos das sociabilidades que as constituem, entendendo-as como construções sociais em operação de modo diferenciado aqui e ali na performance[...] (p.232).

Ou seja, entendendo a identidade como performativa, Moita Lopes a reforça como uma construção contextualizada, influenciada por elementos exteriores, que são, conjuntamente, constitutivos da mesma. Como prática discursiva, ela é constituída por “efeitos de sentido que não preexistem ao discurso” (ibid, p.243).

Essa teorização, com base nos postulados de Austin, endossa os estudos que visam a desnaturalização das identidades, como, por exemplo, a teoria queer que se concentra na desessencialização do gênero e da sexualidade. Uma referência nas questões de gênero é

Judith Butler, que faz uma crítica genealógica, importante para os estudos identitários em geral. Voltando-se para essas categorias de identidade, ela aponta fatores políticos como suas origens e causas, desvelando-as como “[...] efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (BUTLER, 2003, p.9).

Butler também aborda a noção de performance, que nos ajuda a entender a construção identitária como uma prática negociável, associada a condições externas de validação. Na compreensão do caráter performativo da identidade, percebe-se que “Performatives are dependent for their validity on circumstances in precisely the way that a marriage can only be said to have taken place if the right words were said at the right time in the right place” (LOXLEY, 2007, p.9). Assim, realizar uma performance é seguir uma matriz de inteligibilidade instituída socialmente, baseada na reprodução de sentidos que se deslocam a cada nova performance, uma repetição que é jamais a mesma.

Contudo, afirmar que existe uma negociação identitária não equivale a pensá-la como uma encenação, algo conscientemente imposto e deliberado. Num viés psicanalítico

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p.38).

Para este autor, ao invés de identidade, seria pertinente falarmos de identificação, no sentido de um processo em andamento. Isto porque a identidade surge da falta, não de uma plenitude já preexistente no indivíduo. Essa falta de unidade “é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, p.39).

Isto torna possível a existência de mais de uma identificação para um mesmo indivíduo. Segundo Castells (1999), um mesmo ator social possui múltiplas identidades. Ele aponta uma identidade primária que seria a estrutura base das outras, mas destacando que essa multiplicidade identitária é fonte de tensão e conflito.

Para este autor, que busca observar o funcionamento das relações de poder nesse processo, quem constrói e para que se constrói uma dada identidade é em grande parte o determinante do conteúdo simbólico da mesma, “bem como do significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem” (CASTELLS, 1999, p.23).

Levando em conta a forma e a origem da construção identitária, Castells propõe a noção de identidade de resistência[3]. Esta envolve atores em posições desvalorizadas social e culturalmente, cujos valores são opostos ao da comunidade dominante. Ou seja, é a identificação dos grupos de excluídos e de oprimidos em um sistema social, a partir do momento, em que, de alguma forma, colocam-se contra este.

3 IDENTIDADES E IMIGRAÇÃO

Por debaixo de uma tradição de supremacia estatal e do mito homogeneizante da Terceira República, a França é um país multicultural, o que tem se evidenciado cada vez mais com o aumento da imigração, a atuação da globalização e outras demandas de cunho político-econômico (RAYMOND; MODOOD, 2007).

Segundo Spire (2005 apud DOUKI, 2006), antes da Guerra da Argélia, já existia uma movimentação na França de imigrantes argelinos, marroquinos, tunisianos e da África negra. Contudo, eles recebiam um tratamento administrativo que diferia completamente daquele dado aos imigrantes europeus, incentivados a migrarem pela França.

Buscando se compreender a discriminação burocrática que esse grupo sofria e que tem efeitos na sua formação identitária, precisamos ter em mente que a circulação desses indivíduos sempre foi monitorada com desconfiança pelo Governo francês, especialmente dos argelinos, desconfiança que piorou depois da guerra.

Como coloca Suárez-Orozco, que se volta para problemática das identidades de imigrantes associada à globalização, “These structural barriers and the social ethos of intolerance and racism encountered by many immigrants of color intensify the stresses of immigration” (2003, p.7).[4]

Segundo a autora, tanto os imigrantes de 1ª geração, ou seja, que efetuaram o processo migratório, quanto os de 2ª geração, seus filhos, já nascidos ou criados nos novos países, passam por confrontos representacionais. Para os jovens, esse conflito é maior já que não possuem uma identidade étnica e cultural forte. Existem vários fatores que se articulam nesse embate, envolvendo questões sobre a aceitação no país de nascença, sobre a relação dos jovens com sua família e com o país de origem desta, entre outras.

Temos um exemplo disto, em relação aos jovens imigrantes de 2ª geração na França, na música Saigne, em que uma forte contradição marca o sujeito, cuja identificação primária se dá por meio de uma identidade linguística: “É uma doidice de qualquer jeito, meu país de origem eu não o conheço e, francamente/ Eu penso, falo, sonho, respiro em francês/ Em francês, eu choro, rio, grito, sangro”[5] (MALIK, 2006). Embora haja uma tentativa de se ocultar a incompletude cultural, mascaramento operado por meio da valorização do uso da língua francesa, o sujeito não consegue se afastar por completo da ideia de uma origem outra, que lhe falta e, portanto, lhe é constitutiva.

Para nós, essa questão da identidade linguística, levanta também a problemática do reconhecimento da identidade nacional. No caso desses franceses, dominar a língua francesa não é suficiente para uma integração harmônica na comunidade nacional. Segundo Suárez-Orozco (2003), imigrantes que possuem traços fenotípicos parecidos com o da nova comunidade passam por um processo de assimilação mais fácil. No entanto, aqueles que são marcados racialmente, como imigrantes oriundos da África e da Ásia, o caso desses jovens, são sempre questionados sobre suas origens.

Na França, essa impossibilidade de assimilação se materializa no emprego frequente da descrição “francês de origem”, em que há a elipse do termo “estrangeira”, marcado implicitamente. Como colocam Fragnone e Mussard (2003) “Como se o mal estivesse gravado em nossos rostos/ Eles nos julgam, pelo olhar, como franceses de origem culpável”[6]. Pensando nas relações históricas que constituem o lugar ocupado pelos imigrantes nesse país, essa expressão acaba sendo uma forma de discriminação racial no que tange a categorização de jovens negros e árabes, associados no discurso da grande mídia e do Estado a imagens de violência e de criminalidade.

Nesse cenário de tensão, tomamos como cruciais as definições de identidades alcançadas (“achieved”) e de identidades atribuídas ou impostas (“ascribed”). Entendemos essas identidades como pólos pelos quais os jovens de famílias de imigrantes transitam entre.

Achieved identity is the extent to which an individual achieves a sense of belonging—“I am a member of this group.” An ascribed identity is

imposed either by co-ethnics—"You are a member of our group" or by members of the dominant culture—"You are a member of that group." For some groups the imposed ascribed identity is considerably stronger than for others. [...] The degree that ascribed origins are imposed may also evolve over time (SUÁREZ-OROZCO, 2003, p.4).[7]

Ou seja, entendemos a identidade alcançada como fruto de uma autoidentificação, de se ver como parte de uma comunidade. Já a identidade atribuída é imposta pelos outros, como legitimação do grupo étnico do qual o sujeito faz parte ou como uma classificação feita por um grupo do qual difere.

4 RAP, CULTURA, CONTRACULTURA E OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO

É a globalização que subjaz a criação do rap e a sua popularização na França, em meados dos anos 80, graças à difusão em rádios e em programas de tv, como o Hip-Hop no TF1, canal televisivo francês. Sem fronteiras, ela influencia no plano cultural, por meio de "processes of borrowing, blending, remaking and returning" (PENNYCOOK, 2007, p.7). Multifacetada, é capaz de reconfigurar as fronteiras internas e externas de um país, tornando os problemas destes em problemas globais.

Apontada por Milton Santos (2000) como um fenômeno perverso, a globalização se mostra regida pelo sistema capitalista, capaz de transformar o mundo em um grande mercado global. Durante esse processo, guiado pelas demandas do dinheiro, pessoas, mercadorias e empresas se deslocam e se confundem. Pessoas se tornam clientes a serem conquistados, seduzidos pelo modo de ser global, isto é, de consumir a mesma coisa que todos. Grandes empresas como Nike, Zara, Adidas, barateiam a produção usando mão-de-obra de países que não respeitam leis trabalhistas e ganham cada vez mais espaço, à custa do sofrimento humano e da destruição do meio-ambiente.

No entanto, ao mesmo tempo em que surgem McDonald's em cada esquina do globo, num processo de massificação dos hábitos alimentares de comunidades diferentes, há um movimento contrário em ação. Como salienta Hall (2006), também é efeito da globalização o recolhimento no local, ou seja, um retorno e uma atenção às práticas regionais, tendo-se uma revigoração dos nacionalismos e do étnico. Mas, enquanto este último se dá numa lógica de mercantilização, o étnico como um produto fashion, em voga na decoração, etc., o primeiro é o mesmo que impulsiona vários discursos de ódio sustentadores dos muros contemporâneos.

Isto acontece porque a globalização coloca em evidência as tensões que surgem no contato de comunidades diferentes. Esse contato é oriundo do remodelamento das fronteiras, o que provoca um deslocamento territorial cada vez maior e, conseqüentemente, uma confrontação cultural, seja em cenários turísticos ou que abordem a questão da imigração e dos refugiados.

Esse confronto surge das diferenças culturais entre os grupos envolvidos, entendendo cultura, de uma perspectiva sócio-construtivista, como os valores compartilhados no seio de uma comunidade. Como coloca Hall,

Culture, it is argued, is not so much a set of things - novels and paintings or tv programmes and comics - as a process, a set of practices. Primarily, culture is concerned with the production and the exchange of meanings - the 'giving and taking of meaning' - between the members of a society or group (1997, p.2).[8]

Para o autor, o que marca duas pessoas como pertencentes a mesma cultura é a capacidade de entender o mundo ao seu redor de forma similar, expressando-se nos mesmos termos e entendendo um ao outro. Para tanto, elas fazem uso da linguagem, entendida como uma prática significativa, isto é, em que se busca construir e atribuir significados. A linguagem é a “mídia” privilegiada para o compartilhamento de sistemas representacionais, dispondo de materialidades diversas, como a língua e a música.

O rap é resultado da mistura desses dois sistemas materiais, com uma narrativa poética acompanhada por instrumentos musicais. Ele remonta à tradição oral do griot que “designa, na cultura africana, aquela pessoa que conta as histórias de uma determinada comunidade, função geralmente atribuída ao ancião de uma tribo devido à sua sabedoria e ao conhecimento por ele acumulado” (FERNANDES; PEREIRA, 2017, p. 621).

Da figura do chefe da tribo para o jovem periférico e subalterno, o rap se caracteriza a partir desse movimento de passagem. Apropriando-se de aspectos culturais diferentes, ele é transcultural, envolvendo-se nos processos de desterritorialização e transnacionalização, instigados pela globalização.

Para Nouss (2005), o transcultural se centra na mediação[9]. Nesse caso, o processo de negociação, que surge da confrontação cultural, é incessante. No entanto, esta não deve ser entendida como algo negativo, mas, ao contrário, constitutiva da própria transculturalidade.

No que diz respeito aos primórdios do rap, seja no Bronx, em meio a comunidade afro-americana, ou na França, nas periferias populadas por famílias estrangeiras, essa negociação está profundamente ligada a questão dos imigrantes. Fernando Ortiz, como relembra Nouss (ibid), usa o termo Transculturação para falar do processo de ajustamento pelo qual passam os imigrantes em Cuba, evocando o processo de negociação entre os elementos culturais da nova cultura com que se defrontam e aqueles da sua cultura de origem.

Na França, grupos como IAM demonstram essa negociação, passeando por elementos culturais de etnias e identidades linguísticas diferentes. No entanto, ao se apropriarem de referências das culturas francesa, africana, norte-americana e árabe, eles se baseiam em processos de identificação, operando sobre os sentidos desses elementos e, por vezes, indo contra os discursos vigentes da cultura hegemônica.

Rappers como IAM, NTM, Oxmo Puccino, Mc Soolar, Kery James, entre outros, participantes do sucesso do gênero na França nos anos 90, endossam o discurso da denúncia social e da militância no rap que o caracteriza como movimento de contracultura[10].

Segundo Maciel, “Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura.” (MACIEL apud PEREIRA, 1984, p.13) Ou seja, é uma prática cultural que não apenas se distingue da cultura hegemônica como a confronta.

Podemos ver esse embate na representação da escola em *Non soumis à l'état*, do grupo IAM, “[...] as lavagens cerebrais que/ te levam logo para a borda do nível/ zero mental, porque a educação é cúmplice/ Fatal”[11] (FRAGIONE; MUSSARD, 1991).

Acusada de ser cúmplice do sistema dominante que visa a exclusão do jovem de periferia, ela difere da imagem da escola vendida pelo Estado, como local de construção de conhecimento e de preparo para o futuro. Essa interpretação é atravessada pelos sentidos inscritos na história, principalmente, porque nos faz pensar na existência de realidades escolares diferentes.

Além disso, essa imagem induz ao questionamento dos valores republicanos, constitutivos da

narrativa da Nação francesa e nos leva a refletir em como o local de fala do rapper se constitui a partir de um condicionamento intimamente ligado à história da imigração e da colonização francesa.

5 RAPPERS E BANLIEUSARDS: UMA RELAÇÃO COM A PERIFERIA E COM A HISTÓRIA

Do estudo de Vieillard-Baron (2000), observamos a construção do imaginário francês sobre a periferia como uma construção vinculada historicamente ao sentimento de medo. Desde a época da Restauração, associou-se à densidade urbana não apenas a imagem de “povão” do século XIX, mas também com a de criminalidade. Ou seja, a periferia seria lugar de criminosos, imagem que continua a ser evocada na contemporaneidade e que se articula em vários discursos com a identificação dos jovens imigrantes e do rap.

Se o rap é chamado de cultura marginal é porque se desenvolveu inicialmente às margens da sociedade, materializada territorialmente na periferia. Esses espaços, habitados por grupos socialmente excluídos, associam-se, no caso da França e da história do rap francês, com os imigrantes originários de colônias francesas, alojados em conjuntos habitacionais populares por meio de políticas sociais.

Esses conjuntos são representados em francês pelo sema cité, que na composição jeune de cité, utilizada no discurso midiático e no discurso político, faz referência aos jovens habitantes de periferia, mas ao mesmo tempo, atrela-se a sentidos envolvendo principalmente a história da imigração, a diferenciação cultural, o racismo, a delinquência juvenil, a violência nos bairros populares, suas altas taxas de fracasso escolar, etc.

Tais sentidos são compartilhados com banlieusard, o qual etimologicamente designa pejorativamente o morador de banlieue, isto é, de periferia. Jeune de cité e banlieusard, mobilizados pelos discursos da cultura dominante como formas de identificação, constituem-se como identidades atribuídas aos jovens imigrantes de 2ª geração.

No entanto, no discurso de militância do rap francês, caracterizado pelo inconformismo com as desigualdades sociais e pelo questionamento das estruturas de poder dominantes, essas identidades atribuídas sofrem uma transformação. Em “França é acusada de não dar assistência a pessoa em risco/ ‘Culpada’ gritam as cités/ Mas apesar disso o Estado nos fará pagar os gastos”[12], o rapper, posicionado discursivamente em consonância com os habitantes de periferia, identifica a si mesmo como socialmente marcado, tomando a identificação midiática para si.

Posição que endossa James, “Banlieusard e orgulhoso de o ser/ Não estamos condenados ao fracasso!”[13] (JAMES, 2008). Nessa mudança para uma identidade alcançada, reforça-se o sentimento de pertencimento a uma comunidade culturalmente heterogênea, mas que socialmente é visada como uma unidade. Ao assumir essa distinção social, o rapper se coloca como porta-voz dos excluídos, o “griot futurista” (FERNANDES; PEREIRA, 2017), construindo no rap uma nova representação para os jeunes de cité, uma identidade de resistência que se opõe aos sentidos impostos pela cultura hegemônica.

6 CONCLUSÕES FINAIS

O rap se mostra um espaço propício para se lançar uma reflexão sobre as questões identitárias. Desde seus primórdios, ele é uma prática discursiva de atores sociais em posições de exclusão. Nesse sentido, não deixamos de observar, neste trabalho, a influência da globalização, associada a reconfiguração de fronteiras internas e externas, já que é um dos

fatores constitutivos na difusão do rap, que eclode do Bronx para o mundo.

Voltando-nos para a área de ensino de FLE, acreditamos no rap francês como uma importante ferramenta didática para uma aprendizagem crítica da linguagem. Ao analisarmos a produção de sentidos dos termos *banlieusard* e *jeune de cité*, somos levados a refletir sobre a narrativa da Nação francesa, que apoiada no paradigma historicista, forja a identidade nacional como unívoca e homogênea. Nessa narrativa, a questão da imigração na França é ofuscada pelo modelo republicano e por suas políticas integracionistas. No entanto, a existência do *banlieusard* se significa em ligação com passado colonial do país, relacionando às periferias com a questão da imigração e do racismo.

Portanto, falando do lugar do imigrante de segunda ou de terceira geração, entendemos que rapper está em busca daquilo que lhe foi negado pelo Estado, a sua (auto)representatividade. Ao assumir uma identidade cultural que se volta para fora dessa cultura hegemônica e a confronta, o rapper/*banlieusard* se constitui como uma identidade de resistência, não se limitando aos sentidos que lhe impostos pelos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIEILLARD-BARON, Hervé. De l'effroi technique à la peur des banlieues. *Histoire urbaine* 2000/2 (n° 2), p.171-187. DOI 10.3917/rhu.002.0171

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BIAGI, Orivaldo Leme. *Estudo sobre a contracultura e sua influência na publicidade Brasileira (1965-1977)*. 2011. Tese de Doutorado. Tese de Pós-doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo–Escola de Comunicação e Artes. Disponível em: . Acesso em 13 jul 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*.(vol II). *A Construção da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Douki, Caroline. *Administration et immigration en France, 1945-1975*. In: *Revue d'histoire moderne & contemporaine*, 2006/2 (no 53-2), p.182-198. Disponível em: . Acesso em 11 maio 2018.

FERNANDES, Joseli Aparecida; PEREIRA, Cilene Margarete. DO GRIOT AO RAPPER: narrativas da comunidade. DOI: [http://dx. doi. org/10.5892/ruvrd. v15i2. 4261](http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i2.4261). *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 2017, vol. 15, no 2, p. 620-632.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.60-61

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: SP&A, 2006.

HALL, Stuart et al. (ed.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Sage, 1997.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p. 17-30; 155-212.

FRAGIONE, Philippe; MUSSARD, Geoffroy. *Non soumis à l'état*. In: *IAM. ...de la planète Mars*. Paris: Labelle Noir, 1991.

_____. *Pain au chocolat*. In: *IAM. Arts Martiens*. Paris: Studio La Cosca, 2013.

JAMES, Kery. *Banlieusard*. In: JAMES, Kery. *À l'ombre du show business*. [s.l.], 2008

KOKOREFF, Michel; Didier, Lapeyronnie. L'individu et les minorités - La France et l'Angleterre à leurs immigrés, coll. Sociologie d'aujourd'hui, 1993. In: Sociologie du travail, 37 année n°2, Avril-juin 1995. La ville: habiter, gouverner. p.328-331.

LÔPES, Bruno. Qui paiera les dégâts. In: Suprême NTM. 1993... J'appuie sur la gâchette. [s.l.]. 1993.

LOXLEY, James. Performativity: The new critical idiom. New York: Routledge, 2007.

MALIK, Abd Al. Saigne. In: MALIK, Abd Al. Gibraltar. Paris: Atmosphériques, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada na modernidade recente. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARAES, V., orgs. Identidades brasileiras: composicoes e recomposicoes [online]. Sao Paulo: Editora UNESP; Sao Paulo: Cultura Academica, 2014, p.7-29. Disponível em: . Acesso em 18 jul 2018.

NOUSS, Alexis. Plaidoyer pour un monde métis. Paris: Textuel, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: Uma critica a afirmacao do obvio. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1997. Cap.3, p.143-149.

PENNYCOOK, Alastair. Global Englishes and transcultural flows. Routledge, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAYMOND, Gino (Ed.); MODOOD, Tariq (ed.). The Construction of Minority Identities in France and Britain. London: Palgrave Macmillan, 2007.

SANTOS, M. Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SUÁREZ-OROZCO, Carola. Formulating identity in a globalized world. Globalization: Culture and education in the new millennium, 2004, p.173-202.

[1] Dois termos em francês que se referem aos jovens de conjuntos habitacionais periféricos.

[2] É interessante destacar o papel do discurso pedagógico materializado nos manuais escolares de Ernest Lavisse durante a 3ª República, cuja proposição “Nos ancêtres les Gaulois”, funda uma origem primitiva em comum, uma ligação simbólica com os gauleses no imaginário da nação francesa.

[3] Na verdade, ele fala em três tipos de identidades, mas nos concentramos na de resistência.

[4] “Essas barreiras estruturais e o etos social da intolerância e do racismo encontrados por muitos imigrantes de cor intensificam as tensões da imigração (tradução da autora).”

[5] Tradução da autora do original “C’est dingue quand même, mon pays d’origine je le connais même pas et franchement/ Je pense, je parle, je rêve, je respire en français/ En français, je pleure, je ris, je crie, je saigne” (MALIK, 2006)

[6] Tradução da autora do original “Comme si le mal était gravé sur nos visages/Ils nous jugent, au regard, comme des français d’origine coupable” (FRAGIONE; MUSSARD, 2003).

[7] A identidade alcançada é a medida em que um indivíduo alcança um sentimento de pertencimento - “Eu sou um membro deste grupo”. Uma identidade atribuída é imposta por co-etnias - “Você é um membro do nosso grupo” ou por membros do grupo da cultura dominante - “Você é um membro desse grupo”. Para alguns grupos, a identidade imposta é consideravelmente mais forte do que para outros. [...] O grau que as origens atribuídas são impostas também pode evoluir ao longo do tempo (tradução da autora).

[8] Cultura, defende-se, não é tanto um conjunto de coisas - escritas e pinturas ou programas de tv e quadrinhos é um processo, um conjunto de práticas. Primariamente, cultura engloba a produção e a troca de significado - o ‘dar e o retirar significado’ - entre membros de uma sociedade ou grupo (tradução da autora).

[9] “Le transculturel trouve son lieu dans la médiation [...]” (NOUSS, 2005, p.37).

[10] O conceito de contracultura sofre reformulações constantemente, mas sua origem remonta aos anos 60, sendo uma criação da imprensa norte-americana para tratar das diversas manifestações culturais que eclodiram na época (BIAGI, 2011).

[11] Tradução da autora de “[...] les bourrages de cerveau qui te/Ramènent aussitôt aux abords du niveau zéro/ Mental, car l’éducation est complice/ Fatale”.

[12] Tradução da autora do original “France est accusée de non-assistance à personne en danger/ ‘Coupable’ crient les cités/ Mais l’État malgré ça nous fera payer les dégâts” (LÔPES, 1993)

[13] Tradução da autora do original “Banlieusard et fier de l’être/On n’est pas condamné à l’échec!” (JAMES, 2008)